

ENSAIOS DE ORDENAÇÃO DO CAOS: IMPREVISIBILIDADES DE UM PIBID VIRTUAL

Heloisa Josiele Santos Carreiro¹
Bruna Molisani²

Núcleo do subprojeto Alfabetização:

“A construção de sentidos sobre as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: saberes, práticas e teorias de Alfabetização compartilhadas entre professores e estudantes de Pedagogia”

INTRODUÇÃO

Antes do começo das ações, tudo foi planejado e desejado. Esperávamos, em tempos tão sombrios, nos quais os investimentos em educação eram poucos, conseguir conquistar para nossa Universidade, nosso Campus, para nossos estudantes, para nós mesmas e para as escolas com as quais interagíamos, a inserção no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, que se constitui como uma das ações da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, sendo vinculado à Diretoria de Educação Básica Presencial, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Trata-se de um Programa de incentivo e valorização do magistério e de aperfeiçoamento do processo de Formação Docente para a Educação Básica, tendo como principal objetivo: contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação docente, qualificando as ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

Na gestação deste sonho, vivenciamos, por meio do planejamento de uma das propostas que comporia o subnúcleo de Alfabetização do PIBID na FFP/ UERJ, a arquitetura de um projeto formativo articulando Educação Infantil e Ensino Fundamental, por meio de uma escrita feita a muitas mãos, envolvendo diferentes profissionais de diferentes Campus da UERJ (Maracanã, São Gonçalo e Duque de Caxias). Este movimento inicial de elaboração de uma proposta em comum, que representaria a UERJ no subnúcleo de Alfabetização, feita às vésperas do feriado de carnaval de 2020, foi bastante desafiador do nosso ponto de vista. Pois, entre as questões pautadas pelo Edital da CAPES para o PIBID, apresentava-se a exigência de dialogar com algumas políticas públicas, que representavam retrocessos, desalinhados aos estudos da alfabetização. Não negamos a importância de estudar junto com bolsistas e supervisores a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) e a Política Nacional de Alfabetização - PNA, instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11

¹ Professora Adjunta da FFP/ UERJ e Coordenadora do PIBID - helo.carreiro.uerj.fpp@gmail.com

² Professora Adjunta da FFP/ UERJ e Coordenadora do PIBID - bmolisani@gmail.com

de abril de 2019 e conduzida pelo Ministério da Educação por meio da Secretaria de Alfabetização- Sealf.

A questão que se levantava, inicialmente, era a ausência de criticidade na arquitetura da proposta que, do nosso ponto de vista, era um tanto absurdo não mobilizar, por meio do PIBID, uma formação crítica ao cenário epistemológico que a PNA apresentava como perspectiva de alfabetização aos professores do país. Diante disto, nossa percepção é de que nosso projeto institucional foi gestado com certas tensões de concepções epistêmicas e muita negociação dialógica. Na elaboração do projeto institucional, buscamos marcar os princípios que nos permitiriam esboçar nossa proposta. Neste texto, vamos chamar de “Antes do Começo” o momento de negociação entre diferentes perspectivas de alfabetização que orientariam as propostas de cada núcleo do subprojeto de Alfabetização do PIBID da UERJ, sendo o “começo” o início das ações do trabalho formativo junto com os bolsistas.

O ANTES DO COMEÇO DO CAOS

No “Antes do Começo”, desenhamos uma proposta de trabalho que nomeamos como: “A construção de sentidos sobre as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: saberes, práticas e teorias de Alfabetização compartilhadas entre professores e estudantes de Pedagogia”, tendo como objetivo central: favorecer o encontro entre a Universidade e a Escola Pública na compreensão dos múltiplos sentidos compartilhados sobre as práticas de leitura e escrita no cotidiano escolar.

Resumidamente, podemos dizer que estruturamos nosso subprojeto para contexto presencial, como era esperado pelo edital, mobilizando os seguintes elementos formativos: a) garantir estudos sobre as questões teóricas e práticas da alfabetização; b) investigar os diálogos existentes entre as Práticas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental, tentando entender como a instituição pensa a transição das crianças entre as etapas da Educação Básica; c) construir espaços de diálogo entre os sujeitos das Escolas e da Universidade, compreendendo os docentes da Educação Básica como co-formadores dos estudantes envolvidos com o subprojeto; d) discutir as perspectivas teóricas e as práticas de alfabetização desenvolvidas pela instituição; e) acompanhar as práticas docentes e as aprendizagens das crianças relacionadas à leitura e à escrita, buscando construir coletivamente estratégias para garantir o direito à linguagem escrita. Os elementos acima mencionados foram dinamizados por meio das seguintes ações: a) encontros formativos, envolvendo: a coordenação do núcleo, os bolsistas e professora supervisora, que se encontravam, semanalmente, para atividades de estudo, planejamento e diálogos das experiências observadas e vividas, no diálogo possível com o cotidiano escolar; b) produção individual de *registros reflexivos* (WEFFORT et. al., 1996), a partir de experiências formativas vivenciadas (as anotações de todos os membros do núcleo ficavam disponíveis em uma pasta do *GoogleDrive*, para todos que desejassem interação, e a coordenação ao longo do PIBID interagiu com esse material dando orientações sempre que necessário c) interação com as atividades que agrupavam todas as turmas, promovidas pela instituição e acompanhamento das interações cotidianas com os profissionais que aceitaram acolher os bolsistas do Programa.

A proposta foi pensada em diálogo com as seguintes perspectivas teórico-metodológicas: valorização da observação e o exercício de escuta sensível (BARBIER, 1998), respeitando sempre os modos de organização da instituição e das práticas docentes em diálogo ou em tensão com o PPP. Para balizar nossas interações com a escola-campo, pensamos ser importante estabelecer diálogos com a Sociologia da Infância (SARMENTO, 2008; CORSARO, 2011), com a perspectiva histórico-cultural, segundo a qual as crianças aprendem em relações intersubjetivas, mediadas pela cultura (VYGOTSKY, 2001),

entendendo que os seres humanos se constituem na linguagem, produzindo discursos sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo em diálogo com os muitos discursos produzidos socialmente através de diferentes linguagens (EDWARDS et al, 1999).

O nosso caminho metodológico centrava-se no compromisso constante com a produção de documentação pedagógica (EDWARDS et al, 1999; ZABALZA, 1994; WARSCHAUER, 2009), em especial, com a produção de registros reflexivos (WEFFORT et al., 1996), historicizando a experiência formativa. Em relação aos pressupostos teórico-metodológicos de alfabetização, procuramos dialogar com a perspectiva discursiva de alfabetização (SMOLKA, 2010; GOULART et al, 2018).

A escola-campo em que o projeto foi desenvolvido pertence à rede pública de Niterói, foi inaugurada em 2014 e atende a crianças da Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental. A escola, que fora vinculada à rede estadual, integrou-se à rede municipal por meio de uma parceria entre Município e Governo Federal, através do programa Mais Infância, que tinha por objetivo ampliar as escolas destinadas à pequena infância em Niterói. A unidade conta com 16 salas de aula, sala de artes, sala de recursos, de multimeios, laboratórios de informática e de ciências, sala de leitura, auditório, parquinho, biblioteca, refeitório e duas quadras poliesportivas, além de ter climatização em todos os espaços e acessibilidade para crianças com necessidades especiais. A instituição tem capacidade para atender 360 crianças ao ano, sendo 160 vagas na Educação Infantil e 200 no Ensino Fundamental.

Em relação ao desenvolvimento do PIBID, a CAPES e o Ministério da Educação demoraram um pouco mais que o previsto para implementar as atividades em todo país, diante da situação que se instalou nas instituições educacionais por conta da pandemia provocada pela COVID-19. Então, em novembro de 2020, enfrentamos o “início do caos”, nos desafiando a redesenhar, para o contexto virtual, uma experiência formativa que foi planejada para interações presenciais. Somos parte do grupo de coordenadores, supervisores e bolsistas que pela primeira vez na história precisaram reordenar as ações do Programa para acontecer em modo remoto. O imprevisível bateu à nossa porta, como já batia na de todos os profissionais de educação do país. E, apesar de todo exercício de planejamento, precisaríamos dialogar como todo mundo sobre o caos educacional que a pandemia impunha a todos nós, que não optamos pela interação com a Educação a Distância.

O INÍCIO DO CAOS E A REORDENAÇÃO DE PLANEJAMENTO

Diante do caos gerado pela pandemia, que convocava os espaços educacionais à reordenação do planejamento de suas experiências, todos nós envolvidos com a gestão do PIBID, estudávamos estratégias junto com a coordenação institucional e as escolas-campos e buscávamos encontrar táticas de dinamização do Programa em contexto virtual. Afinal, nós seríamos o grupo pioneiro nesta movimentação. O desafio foi iniciado com o processo de seleção de bolsistas e da professora-supervisora.

Naquele momento, nos encontrávamos vivenciando o primeiro Período Acadêmico Emergencial - PAE da UERJ no mesmo semestre, já tínhamos certa destreza na interação remota e, com o acontecimento das entrevistas, o grupo do nosso núcleo se estruturou, com a seleção de uma supervisora da escola-campo, que atuava na Educação Infantil e dez bolsistas, sendo oito efetivos e dois voluntários. Assim, com duas professoras-coordenadoras, docentes da FFP no Departamento de Educação, e os selecionados na entrevista, o nosso grupo ficou composto por 13 pesquisadores, que corajosamente aderiram à oportunidade oferecida pelo PIBID, que possibilitava uma formação docente no Ensino Superior em diálogo com o cotidiano escolar.

Na tentativa de pensar estratégias de reordenar o caos e buscar caminhos para a dinamização da proposta do subprojeto, mesmo em contexto virtual, iniciamos a formação com os envolvidos em nossa proposta. Assim, em dezembro de 2020, semanalmente, nos reuníamos para estudar o PPP da escola-campo, partilhar leituras literárias, estudar textos em diálogo com os pressupostos teóricos e metodológicos, que definimos quando estruturamos o documento que nortearia nossas ações junto ao Programa. Também estudávamos e dialogávamos com experiências e materiais pedagógicos em que a linguagem escrita fosse trabalhada, pedagogicamente, como um direito das crianças, no cotidiano escolar (BAPTISTA, 2019; CANDIDO, 1989; SALUTTO, 2019).

No movimento de formação, acabamos por criar uma rotina que se iniciava com a partilha de leituras poéticas e literárias, seguindo para o movimento de circulação da palavra, em que os presentes no espaço virtual compartilhavam suas impressões e, por fim, seguíamos para a discussão da pauta de estudo do dia. Em alguns momentos foram acrescentadas nessa rotina orientações, com vistas a apoiar as atividades de escrita acadêmica que se desdobravam dos eventos acadêmicos com os quais interagíamos. Quando os estudantes começaram a acompanhar as crianças por meio virtual, os encontros abriam espaço para o movimento de partilha de indagações e das atividades de observação que os bolsistas realizavam junto aos agrupamentos infantis em interação com as propostas pedagógicas oferecidas pelos docentes. Assim, fomos gradativamente reordenando as atividades de encontros formativos mediados pela coordenação.

Na narrativa que compartilhamos podemos dizer que um dos maiores desafios foi pensar as estratégias de interação dos bolsistas junto às crianças. A gestão da escola foi extremamente solícita nesse diálogo, mesmo diante da impossibilidade de acompanhamento das atividades remotas, que aconteciam via plataforma da Fundação Municipal de Educação de Niterói, em que somente as crianças matriculadas e os profissionais de educação da rede podiam ter login com acesso. A equipe gestora, gentilmente, abriu quatro frentes de interação remota para os bolsistas do Programa: a) a interação com os sábados letivos, acompanhados pelo FaceBook; b) a interação com as atividades de ensino e pesquisa que tem junto com pesquisadores de universidades; c) a participação em reuniões gerais de formação dos profissionais da escola, e; d) a interação direta nos grupos de WhatsApp que os docentes constituíram junto com as crianças e suas famílias. Este último era central nas interações pedagógicas, que desdobravam diálogos mobilizados na plataforma de rede, no caso da Educação Infantil, que não tinha sala virtual na plataforma. Esses grupos podiam ser interpretados como a sala virtual, sendo grande parte das interações virtuais dinamizada neles.

A consolidação dos espaços acima mencionados complementava, de modo significativo, os nossos encontros formativos de quartas-feiras. E, podemos dizer que a inesperada interação com os grupos de WhatsApp das turmas foi o que potencializou a aproximação dos bolsistas com as atividades pedagógicas propostas durante a pandemia. Acompanhando, semanalmente, as interações no referido aplicativo, os bolsistas conseguiam narrar e refletir em nossos encontros formativos e, em seus registros reflexivos sobre as experiências pedagógicas que eram oferecidas às crianças. Refletindo diante do vivido, podemos afirmar que apesar dos estudantes não acompanharem as interações das aulas remotas, que se desenvolviam na plataforma virtual, organizada pela Fundação Municipal de Educação, como já dito, eles conseguiram ter certa aproximação das experiências educacionais elaboradas neste período, uma vez que no grupo de Whatsapp se desdobravam muitas ações da referida plataforma, a saber: dúvidas sobre tarefas, apontamentos das crianças sobre o que remotamente havia sido vivenciado nas experiências de ensino- aprendizagem ofertadas, diálogos com as famílias, mediação de informes da equipe gestora, diálogos paralelos entre as crianças etc.

Assim, interpretamos que, por meio das narrativas compartilhadas por nossos graduandos, o WhatsApp ocupava um espaço central na articulação das proposições pedagógicas. Afinal, muitas crianças com dificuldade de acesso à internet buscavam as apostilas impressas e tiravam dúvidas pelo aplicativo que os bolsistas acompanhavam, possivelmente, pela fluidez de conexão, uma vez que muitas operadoras não cobram dados aos usuários pela sua utilização. A experiência que narramos, diante do vivido no PIBID, nos possibilita a compreensão surpreendente de que apesar do caos provocado pela pandemia nas atividades educacionais, o WhatsApp possibilitou que nossos bolsistas conseguissem reconhecer um pouco das interações entre as crianças e os professores da instituição, no contexto de ensino remoto, imposto pela pandemia da COVID-19. Como muitas crianças utilizavam os aparelhos telefônicos de seus pais ou familiares, eles também apareciam muitas vezes na interlocução com os docentes, buscando entender as propostas interativas e os papéis que podiam desempenhar na mediação de reordenamento das atividades pedagógicas e ressignificação do papel da escola frente a pandemia.

NAVEGANDO EM MARES VIRTUAIS, CONDUZIDOS POR UMA CONSTELAÇÃO LITERÁRIA

No desenvolvimento da proposta do núcleo, iniciamos uma navegação virtual pelas redes sociais. Ela nasceu como resposta à seguinte solicitação da coordenação institucional do PIBID na UERJ: pedido de que cada grupo consolidasse uma página nas redes sociais, com vistas a compartilhar um pouco do processo formativo que estávamos vivenciando. Nosso grupo optou pela criação de uma página no Facebook, rede em que muitos de nós sabíamos mexer, embora soubéssemos que a referida rede sofria um processo migratório significativo para o Instagram por parte dos jovens bolsistas, pela sua linguagem imagética ser interpretada como muito mais fluída.

Nossa primeira postagem no Facebook aconteceu em junho de 2021 e estava relacionada à apresentação do grupo. Uma das bolsistas montou a arte dos cards e cada pessoa ficou responsável pela elaboração de seu texto de auto apresentação.

O caminho que escolhemos para mobilizar informações no Facebook foi nos dividirmos em frentes de trabalho para mobilizar, inicialmente, as seguintes informações: apresentação do PIBID, da FFP/ UERJ e do curso de Pedagogia, histórico e contexto de nossa escola-campo, bem como elementos centrais de seu PPP (Projeto Político Pedagógico); informações básicas sobre uma de nossas principais estratégias metodológicas - O Registro Reflexivo; informações conceituais sobre os estudos teóricos que desenvolvemos; indicação de debates sobre as políticas nacionais de alfabetização – organizados pela ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação); registro de nossa participação em eventos acadêmicos e em lives de mediação literária, junto a grupos de estudos; e, por fim, textos literários que atravessaram as formações semanais nas tardes de quarta-feira.

A apresentação de textos literários foi uma das atividades que desenvolvemos com mais assiduidade, por isso gostaríamos de dar um destaque especial para esta partilha, que constantemente dinamizávamos no Facebook. Ela acontecia do seguinte modo: escolhíamos o texto literário e todos os participantes de nosso núcleo apresentavam pistas que serviam como dicas de leitura. Estas pistas eram elaboradas a partir de nossas experiências com os textos e dos diálogos mobilizados durante a formação, a ideia era de que com elas conseguíssemos mover a curiosidade de leitores. Tínhamos sempre a

preocupação de no Facebook apresentar, após as dicas, o texto referenciado em formato ABNT, um micro exercício para os envolvidos com o projeto de aproximação da linguagem acadêmica. Ao longo do projeto realizamos a indicação de 15 textos literários.

Interpretamos que conseguimos produzir uma interessante constelação de pistas sobre textos literários que nortearam a experiência formativa que vivenciamos entre 2020 e 2021. Textos que inicialmente indicados pela coordenação do projeto, mas como o encontro com a literatura envolveu muito o grupo, muito rapidamente estávamos lendo textos que eram frutos das pesquisas e escolhas literárias de bolsistas e supervisora.

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA VIRTUALIDADE

Para concluir esse breve relato sobre as experiências vividas no PIBID entre novembro de 2020 e abril de 2022, destacamos trechos de relatórios finais de alguns dos bolsistas do nosso núcleo:

Todas essas experiências foram muito relevantes, pois pude estar em contato com o que ocorre no chão da escola logo no início da formação em Pedagogia e pude me apropriar de diferentes conhecimentos sobre a alfabetização. O PIBID me possibilitou repensar a alfabetização, passei a entendê-la como um processo que, de acordo com Ferreira (2017), nem sempre começa na escola, mas que a escola é importante para que as crianças se apropriem da escrita. (Ana Clara)

Talvez a experiência formativa que mais tenha me marcado durante esse período do projeto foi a utilização do registro reflexivo como forma de aprendizado. Ao fim de cada reunião, fazíamos individualmente registros com nossas impressões e conhecimentos sobre o que acabara de ser abordado coletivamente. Poder voltar e reler registros das primeiras reuniões em contraponto com as últimas nos mostra o quanto crescemos e aprendemos como discentes, mas principalmente como docentes (Fernanda).

A leitura literária foi nossa companheira durante toda a caminhada formativa com o PIBID, o que nos possibilitou refletir sobre temas que estavam entrelaçados nas narrativas com nosso cotidiano, nos indagar em diferentes contextos de ensino-aprendizagens, dentro e fora do espaço escolar. Tendo a literatura dessa forma em nosso coletivo, quando chegou o momento de pensar em um planejamento com foco na leitura literária, não foi algo difícil porque a literatura estava presente em nosso coletivo, o cuidado foi em não colocar a literatura como pretexto para determinada atividade (Karolyne).

A leitura literária se tornou a grande marca em minha trajetória no PIBID, a partir da temática elaborei um planejamento de aula. Foi incrível! Primeiro, por considerar o planejamento um instrumento importante para organização de qualquer docente. Segundo, por ter que pensar em uma boa escolha literária para nortear toda uma atividade para as crianças. Tal movimento me mostrou a complexidade de ser professor e a importância de não usar a literatura como pretexto, tendo em vista que a literatura reinventa e dá sentido ao mundo e valoriza as relações com o outro (SALUTTO, 2019). Encerro a minha trajetória no programa grata por todo aprendizado gerado. Tenho certeza que boa parte das ações que irei por em prática como docente, terá um pouco do que constituí no PIBID (Lorena).

Mesmo perante os desafios, PIBID foi uma oportunidade incrível porque chegou logo ao início da minha formação em que eu ainda era muito crua em meus conhecimentos sobre a

Alfabetização na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Entrei no PIBID com muitos conceitos sobre criança e literatura que faziam parte de um senso comum, que consegui problematizar e desconstruir com a ajuda das coordenadoras e dos outros participantes, desenvolvendo minha criticidade durante esse processo de aprendizado em que eu ia coletivamente construindo bases para minha formação como professora. Além disso, também sinto que fui completamente atravessada e transformada com as mediações literárias de nossos encontros que promoveram uma reaproximação minha com a literatura infantil da qual por demasiado tempo me afastei. Através da literatura que nos eram apresentadas todas as semanas, me emocionei, me inspirei, me compreendi e cresci. Sou muito grata ao PIBID por tudo o que me foi proporcionado através dele (Nicolle).

A participação no Programa de Iniciação à Docência, além das aprendizagens ligadas à escrita acadêmica, possibilitou-me desenvolver conhecimentos indispensáveis para a prática docente como a elaboração de um planejamento de aula, no qual tivemos o desafio de preparar uma aula para a turma que acompanhamos. Cada participante do PIBID teve como desafio escolher um livro para ser utilizado como condutor de sua prática, precisávamos também ter a preocupação em elaborar um planejamento que fosse ao encontro das temáticas que já estavam sendo trabalhadas durante todo o ano. Acredito que a escolha da literatura foi um dos principais desafios desta atividade pois, com o PIBID, aprendemos que precisamos pensar em elaborar práticas que tenham intencionalidade para com a aprendizagem das crianças, também aprendi sobre a importância de trazer o diálogo nas interações com a turma buscando propiciar momentos de partilha com todo o grupo (Talita).

Se fosse para dividir o meu processo de formação na universidade, seria: antes do PIBID e depois do PIBID. Uma das maiores dificuldades que enfrentei enquanto bolsista foi a escrita acadêmica, por mais difícil que tenha sido, poderia ter sido pior, afinal, e se não fosse o PIBID? Como estaria a dedicação exclusiva aos estudos? O projeto possibilitou, através da bolsa de estudos, que eu pudesse continuar me dedicando exclusivamente, sem ele, provavelmente não teria as oportunidades formativas que tive durante esse período de 18 meses (Gabriela).

Enquanto discente de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, posso afirmar que foi uma oportunidade singular ser bolsista do PIBID e, por meio desse Programa de Formação, tive uma aproximação da prática cotidiana escolar, bem antes das disciplinas obrigatórias de estágio de nosso curso. Acredito que o PIBID é um exercício de democratização da produção científica das atividades da universidade, através de seus projetos de ensino, pesquisa e extensão (Viviane).

Vemos, nas palavras dos bolsistas, como o PIBID possibilita aprendizagens e experiências formativas singulares aos estudantes de graduação. Mesmo em um contexto tão desafiador como a pandemia que vivemos. Desejamos que a partilha de nossas experiências reafirme a necessidade de continuação desse Programa como política pública de formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In BARBOSA, Joaquim (Coord). Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BAPTISTA, Mônica. A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

CORSARO, William. Sociologia da Infância. 2ª Edição. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

EDWARDS, C. et al. As Cem Linguagens da Criança – A abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GOULART, Cecília M. A. Letramento e polifonia: um estudo de aspectos discursivos do processo de alfabetização. Revista Brasileira de Educação, Nº 18 - Set/Out/Nov/Dez 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n18/n18a02.pdf> Acesso em: fevereiro, 2020.

GOULART, Cecília M. A; GONTIJO, Cláudia Mendes & FERREIRA, Sandra de A. A alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 2018.

SALUTTO, Nazareth. Literatura, ética e alteridade. Seis proposições para a formação do leitor. Revista FronteiraZ – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP - nº 22 – julho de 2019.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In.: Estudos da Infância. Educação e Práticas Sociais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

SMOLKA, A.L.B. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semiónovich. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WARSCHAUER, Cecília. A Roda e o Registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

ZABALZA, M. A. Diários de Aula - Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora, 1994.

WEFFORT, Madalena Freire; CAMARGO, Fatima; DAVINI, Juliane; MARTINS, Mirian Celeste. Observação, registro, reflexão – Instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.